

Futebol Força x Futebol-arte. O debate em torno do “estilo” brasileiro no Mundial da Argentina em 1978¹.

Alvaro Vicente do Cabo²
Universidade Cândido Mendes/Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

O presente artigo tem como objetivo aprofundar o debate em torno dos supostos “estilos de jogo” e sua relação com a construção de estereótipos nacionais a partir da campanha da seleção brasileira no campeonato mundial de 1978 realizado na Argentina. A oposição entre modelos midiáticos conhecidos como “Futebol Força” e “Futebol-Arte” marca a análise das reportagens de veículos da imprensa tanto no Brasil quanto na Argentina sobre o desempenho da equipe comandada pelo técnico Cláudio Coutinho a a partir principalmente de um acionamento da memória da seleção tricampeã do mundo em 1970.

Palavras-chave

Representações coletivas; Copa do Mundo; Imprensa; Memória.

Introdução

O futebol brasileiro começa a se destacar internacionalmente com a participação no campeonato mundial realizado na França, em 1938, devido à boa campanha com a obtenção do terceiro lugar, às atuações de Domingos da Guia, Romeu e principalmente de Leônidas da Silva, o artilheiro da competição que ficou conhecido como o “Diamante Negro”.

Foi no contexto da realização desse torneio e da formação de uma retórica nacionalista de integração racial, durante a ditadura varguista do Estado Novo, que o sociólogo Gilberto Freyre escreveu o artigo “Football Mulato”. O texto apresenta o que seria a semente da representação do estilo de jogo brasileiro. Segundo Helal e Cabo:

No futebol brasileiro, a idealização do futebol-arte, representação que permanece forte até os dias atuais quando nos referimos à seleção brasileira, tem seu embrião em um artigo de Gilberto Freyre, escrito para o jornal Diário Associados de Pernambuco durante a Copa do Mundo de 1938, na França. Seu artigo Football- Mulato atribui características dionisíacas ao estilo de jogo brasileiro que estariam diretamente relacionadas aos elementos culturais de um povo miscigenado. Criatividade, espontaneidade, malemolência, seriam atributos do futebol brasileiro oriundos da mistura das raças que formariam a nação. (2014, p.24).

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte no XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² O autor é doutor em História pelo PPGHC e Mestre em Comunicação pelo PPGCOM/UERJ. Docente da Universidade Cândido Mendes e pesquisador vinculado ao Laboratório do Sport/UFRJ e Esporte e Cultura/UERJ.

A exaltação das supostas características lúdicas e criativas intrínsecas ao povo brasileiro estabeleceram uma representação coletiva que propagou-se midiaticamente ao longo dos anos, estabelecendo um modelo estereotipado possivelmente interpretado como uma “tradição inventada”. Segundo Hollanda, tanto no artigo acima mencionado como nos prefácios dos livros *Sociologia* (1943) e *Negro no futebol brasileiro*, de Mário Filho (1947):

Gilberto Freyre valia-se de uma estratégia discursiva astuta, uma vez que suas considerações se situavam no período entre as décadas de 1920 e 1950, quando o futebol no país ainda não havia se consagrado mundialmente em termos de conquistas e ainda se ressentia de certa inferioridade face ao futebol praticado na Argentina e no Uruguai, e em países da Europa como Itália e Inglaterra. Ao privilegiar a exibição em detrimento da simples competição, Gilberto Freyre capitalizava os aspectos positivos que lhe interessava ressaltar no futebol brasileiro, na mesma proporção em que identificava um diferencial que lhe permitia singularizar tal esporte ante o praticado por outras nações. (2004, p.62).

A construção freyreana a partir de uma singularidade em um esporte popular como o futebol permite a elaboração de uma ideia de comunidade que se distingue dos outros povos celebrando a plasticidade, alegria e leveza em detrimento da competição, num período em que o Brasil ainda não era uma potência futebolística. Segundo Guedes:

Produzir o “nosso” futebol é, claro, produzir também o “outro”, ou melhor dizendo, “outros”, pois que, sem dúvida, os há de diversos tipos, utilizados como em um caleidoscópio, para produzir a brasilidade. Entretanto no momento fundante, neste caso como também no de outras nações, encarna-se muitas vezes, no futebol inglês e/ou por extensão, no futebol europeu. Como sabemos todos, neste campo de representações e práticas coletivas, “às manhas e astúcias” do “futebol-arte” se opõe a eficiência do “futebol-força”, a espontaneidade, liberdade e criatividade individuais opõem-se a disciplina tática. (2014, p. 164).

No caso da história do futebol brasileiro, essa representação coletiva será reforçada nas décadas seguintes, principalmente com as três primeiras conquistas mundiais da seleção (1958, 1962 e 1970), além de emblemáticas equipes como o Santos de Pelé e o Botafogo de Garrincha, por meio da exaltação passional de uma forma idealizada do brasileiro jogar – o mítico futebol-arte. Para Souza, no período de gestação do estereotipado estilo de jogo pátrio:

Era fácil relacionar a seleção brasileira de futebol com as características do povo brasileiro. Era como, se através do futebol, pudéssemos observar e analisar a formação e os problemas do povo.

Assim, o estilo do jogador era um reflexo dessas características, numa transposição muito típica de substituir a “seleção de jogadores brasileiros de futebol” pelo “Brasil”. Numa Copa do Mundo, por exemplo, não são os atletas que estão jogando, mas o Brasil, o povo brasileiro. A vitória é

celebrada como de toda uma nação e a derrota é associada ao fracasso de todo um povo. (2008, p.188).

A relação direta entre seleção e nação mediada pelo povo, apontada por Souza, era possível devido ao contexto histórico de fortalecimento dos Estados Nacionais. Os esportes modernos se transformaram em importantes elementos de identificação coletiva potencializados pelos meios de comunicação.

A própria derrota para os uruguaios em 1950, que se transformou numa espécie de “masoquismo nacional”³, é um símbolo dessa associação direta entre nação e desempenho do selecionado nacional.

A conquista do tricampeonato mundial em apenas 12 anos ou quatro copas, coroada com a mitológica campanha da seleção de setenta, cristalizou esse estereotipado estilo de jogo na memória coletiva, reforçando a identidade nacional e consagrando o país como grande potência futebolística. Segundo Santoro e Soares:

De fato, o evento da Copa de 1970, rememorado e reconstruído de forma espetacular pela mídia tornou-se um marco na memória social do futebol, que se concilia com aquilo que o brasileiro acredita “ser”. O brasileiro pensa-se como uma obra de arte do mundo ocidental, isto é um ser de ruptura, um ser criativo que, da carência construiu e constrói possibilidades de enfrentar o mundo desenvolvido e civilizado. Nessa direção, os esquecimentos no presente sobre o papel dos conhecimentos científicos utilizados no planejamento da seleção de 1970, funcionam como uma reconciliação da imagem identitária de um Brasil autêntico, autossuficiente e original.

O fato é que a Copa de 1970 se tornou um lugar da memória para fincar as bases da identidade mitificada do futebol brasileiro. A mídia nesse sentido tem um papel fundamental. (2009, p.8).

A) A equipe de Coutinho e o fantasma do “jogo bonito”.

A seleção de setenta estabeleceu um marco histórico na memória coletiva nacional, além de ser reverenciada também na Argentina pelo suposto “jogo bonito”, conforme mencionado anteriormente.

A hipótese do brasileiro como um romântico sonhador que se vê como “obra de arte do mundo ocidental”, de grande potencial criativo e realizador, denota uma visão positiva

³ Utilizei esta expressão no artigo “Representações coletivas nas Copas do Mundo: Uruguai (1930), Brasil (1950) e Argentina (1978)” in MELO (2015) para justificar a grande produção acadêmica e memorialista sobre a derrota no campeonato mundial em 1950 em relação as demais copas do mundo, inclusive àquelas em que o Brasil se tornou campeão.

do “ethos” nacional, legitimada pelas conquistas futebolísticas consecutivas e reforçando simbolicamente os laços identitários em um processo de reinvenção do otimismo conforme destaca Fico (1997).

A importância da mídia nesse processo de construção identitária é destacada também pelos autores que trabalharam a memória desta Copa comparando os periódicos do *Jornal do Brasil* e do *Globo* de setenta com os de 1998 e 2002.

É possível constatar que a equipe tricampeã era uma referência simbólica e paradigmática do suposto estilo de jogo brasileiro já em 1978, quando, segundo as fontes analisadas (*Jornal do Brasil, Placar, Clarín, El Gráfico*), o “futebol artístico” é confrontado internamente com um processo de modernização implantado por Cláudio Coutinho e os militares, inspirado em inovações táticas europeias e que enfatizavam a preparação física dos atletas.

A “europeização” do futebol brasileiro era justificada pelos defensores do “capitão” devido à predominância de equipes do “velho continente” no campeonato mundial de 1974, notoriamente a campeã Alemanha Ocidental, que era disciplinada taticamente e com grande preparo físico; a mítica Holanda de Cruyff e o revolucionário “futebol-total”, simbolizado pelo “carrossel holandês”; e a surpreendente Polônia, que teria exibido um jogo técnico, mas com muita rapidez e vigor físico.

O fato de a seleção tricampeã do mundo ter obtido a quarta posição com uma equipe técnica, porém envelhecida, e sem padrão tático, teria justificado a escolha do “científico” Coutinho para substituir Osvaldo Brandão em 1977, apesar da patente militar e das críticas à uma tecnoracia fria e robotizada, ou caracterizada como cópia mal feita dos venerados modelos europeus.

A carta de um leitor do *Jornal do Brasil* é um bom exemplo da reprodução desse discurso. Segundo José de A. Falcão, do Rio de Janeiro:

Jamais compreenderei a razão de se trocar o maravilhoso futebol veloz, espontâneo, versátil e inigualável dos sul-americanos pelo esquematizado, lento, estudado e pesado futebol dos europeus. Os próprios europeus não entendem porque queremos imitá-los num esporte que eles nunca conseguiram praticar como nós. Os treinadores precisam saber que os jogadores não são robôs. (JORNAL DO BRASIL, CADERNO B, n.68, 15 jun. 1978, p. 2).

Contrapondo a hipotética forma de jogar dos sul-americanos com outra estereotipada visão sobre o futebol europeu, pode-se perceber a reverberação no senso comum e um discurso que era intensamente propagado pela mídia.

A própria denominação de futebol-força em oposição à arte era utilizada de forma pejorativa e na maior parte das vezes nos veículos brasileiros pesquisados, com comparações irônicas mesmo em momentos de grande rivalidade, como contra os argentinos:

Reinaldo que acordou no domingo como titular foi barrado para que Roberto (com mais força em todos os sentidos) entrasse...

Coutinho na verdade queria um time “de força” para segurar o que imaginava ser um ímpeto quase irrefreável da Argentina. Jogando no chamado caldeirão do diabo. Queria Chicão e Batista lutando pela posse de bola como sabem.

Deveria ser uma guerra para machões. Desde que a seleção chegou à cidade, o clima não era fácil. Até as três da madrugada, a polícia permitiu que os torcedores acionassem buzinas a frente do hotel Libertador, onde a seleção tentava dormir. Parecia voltar ao clima da década de 40, das tão faladas batalhas entre brasileiros e argentinos. (PLACAR, n.426, 23 jun. 1978, p. 5-7).

A referência à manutenção do centroavante Roberto, dotado de bastante vigor físico e notório apoio institucional devido a relação de amizade com o presidente da C.B.D Almirante Heleno Nunes, mas com menos técnica que Reinaldo, em recuperação de contusão, além da menção aos dois cabeças-de-área, os “lutadores” Batista e Chicão, pode ser interpretada como a opção do treinador por um modelo distinto da suposta arte brasileira ao praticar o futebol.

Ademais, a referência histórica às partidas disputadas pelas duas seleções na década de quarenta, caracterizando a partida como mais uma batalha, remete ao período de construção do estereotipado estilo de jogo brasileiro que também era esperado e respeitado pelos argentinos. Segundo reportagem de *El Gráfico*:

Por otra parte, en los últimos años se há venido un fenómeno imposible de soslayar: por flojo que ande el fútbol de Brasil, no podemos ganarle. Así como antes les ganábamos a Brasil con la camiseta (y antes jugaban Ademir y Zizinho, Pelé y Gérson...) ahora nos cuesta superar las diez camisetas amarillas que Brasil nos presenta en las canchas, cualquiera sea su relleno humano.

De todos modos, este equipo brasileño que no pudimos superar en Rosário y que por el contrario dejó la sensación de que podía vencernos si se hubiera atrevido un poco más en el ataque, no tiene nada que ver con la gloria acumulada por el fútbol de Brasil entre 1958 y 1970. Mendonça y Chicão, por citar a dos nombres que tuvieron muy buen rendimiento ante Argentina son los fantasmas de Gérson y Pelé, así como Gil es el fantasma de Jairzinho (ni qui hablar de Garrincha ...) Y ni siquiera estuvo frente a nosotros, como un resto de aquel antiguo esplendor, el talento de Rivelino para manejar los piolines desde el centro de la cancha.

Sin embargo esa sombra de la antigua batucada ganadora, ese conjunto híbrido sin ritmo y sin gênio, volvió a ganarnos con la camiseta. No en el

score, gracias a la capacidad de Fillol para agrandarse en las situaciones difíciles, pero sí en el trámite, en el manejo táctico y psicológico de la lucha, aspectos en que el scratch fue claramente superior a nuestro equipo. (EL GRÁFICO, n. 3063, 20 jun. 1978, p. 8-10).

É importante destacar na citação a rivalidade entre as duas seleções e o sentimento de impotência dos argentinos, devido à má atuação da sua equipe diante de um time que é caracterizada como fraco, apesar da tradição do futebol brasileiro.

Pode-se perceber implicitamente uma crítica ao comportamento psicológico dos jogadores argentinos que nos últimos anos não conseguiam derrotar os rivais, diferentemente do que ocorria em décadas anteriores, em que a Argentina vencida diversas partidas, chegando a ter inclusive, a supremacia nos anos quarenta e cinquenta.⁴

A comparação da equipe de Coutinho com as seleções que conquistaram o tricampeonato, bem como de alguns jogadores que disputaram o mundial em 1978 com os atletas emblemáticos de setenta, reforça o argumento de que, apesar de ter jogado melhor, o Brasil era um simulacro imperfeito do mítico tricampeão mundial.

Expressões estereotipadas como “a sombra da antiga batucada ganhadora” ou um “conjunto híbrido sem ritmo e sem gênio”, são utilizadas para definir a seleção de 1978 comandada por Coutinho, mesmo com o articulista reconhecendo o espírito de luta da equipe e o fato de que os brasileiros mereceram a vitória.

Durante a primeira fase, quando a seleção brasileira teve apresentações muito fracas, as críticas ao futebol brasileiro proliferaram em todos os veículos analisados. Após o segundo empate contra a Espanha, por exemplo, duros comentários foram feitos por diversos cronistas do *Clarín*. Juan Lorenzo comparou a partida a um filme de terror, Helenio Herrera afirmou que o Brasil parecia uma equipe de segunda, Pelé disse que a seleção merecia as vaias e Di Stéfano ironizou, afirmando que o samba teria virado murga.⁵

Conforme trecho abaixo:

Fuimos a ver una escuela do samba y vimos una murga. Esta frase que puede parecer pensada, no hace sino a graficar a la perfección lo que fue

⁴ Segundo Santos (2009), em partidas oficiais reconhecidas pela CBF e AFA, a Argentina teve nas décadas de quarenta e cinquenta mais triunfos que o Brasil. Em 20 jogos disputados, foram dez vitórias argentinas contra seis brasileiras e quatro empates. Na década de sessenta houve um equilíbrio com seis vitórias brasileiras, cinco argentinas e um empate. Porém, a partir de 1970 até o jogo disputado em Rosário, efetivamente o Brasil tinha ampla superioridade com seis vitórias contra apenas uma dos argentinos, que tinha sido um amistoso realizado no Estádio Beira-Rio em 04 de março de 1970, fato que justifica pelo menos estatisticamente as críticas apontadas na reportagem.

⁵ Segundo definição encontrada na página <http://definicion.de/murga/> a murga é um gênero artístico que combina música e teatro. Esta denominação também se aplica aos grupos que desenvolvem este tipo de manifestação artística, muito frequente nos tempos de Carnaval. É um gênero popular em países como o Uruguai, a Argentina e a própria Espanha, que era a adversária do Brasil. Acesso em 22 jan. 2016.

este partido cuyo nivel no traduce de ninguna manera lo que es un Campeonato del Mundo.

Brasil era favorito pero no díó ese tono de gran categoría que tuvo otras selecciones. Solo fue peligroso por su nombre y por haber conseguido tres títulos.

Pero lo que se vio ayer en la cancha espanta. Nadie, ni el más pessimista pudo suponer que Brasil podía jugar mal a tal punto que España fue erigido en el mejor, en virtud de su garra, a su tésón y sobretudo en los últimos quince minutos pudo llegar bien hasta el área brasileña. (CLARÍN, n.11.591, 08 jun. 1978, p.10).

A decepção com a apresentação da seleção brasileira é demonstrada metaforicamente na comparação musical feita através da oposição estabelecida entre uma escola de samba, que seria a representação de alegria, festa e entusiasmo, e um grupo de murga, que se constitui em algo mais cadenciado, tradicional e solene.

A afirmação de que o Brasil era o favorito, mas só teria sido perigoso devido a sua tradição e por ter conquistado três títulos mundiais, explica a insatisfação do ex-jogador com o futebol apresentado pela seleção brasileira na competição até aquele momento, sem falar na constante comparação com as míticas equipes anteriores.

Na mesma edição a crônica de Édson Arantes do Nascimento adquire um tom dramático e passional:

Parafraseando a Júlio César: Yo vino para elogiar al Brasil y no para enterrarlo. Pero Brasil, mi amado Brasil, nos há dado solo motivos para llorar en los dos partidos disputados hasta ahora en la Copa del Mundo. Y, evidentemente y quedado atrás de la Argentina y Itália como favorito para ganar el torneo. Ahora incluso podrían ser “destrozados” ante la posibilidad de fracasar sin siquiera pasar a la segunda vuelta. Una verdadera tragedia nacional para mi país, donde siempre pensamos ser el numero uno de los candidatos a ganar el mundial. Comparandonos con el ordinário Suécia del primer juego, y el también ordinário España del segundo, Brasil há demostrado, tener, valga la redundancia, un equipo tan ordinário cuanto los que acabo de citar.

Para mi és una mala experiencia estar sentado en el palco de la prensa y tener que escribir este triste espectáculo que pasó ante mi vista. Hubiera preferido jugar cada pelota yo mismo, y me hace mal estar impedido de dar directivas a mi compatriotas. (CLARÍN, n.11.591, 08 jun. 1978, p. 10).

A curiosa inspiração no brocado latino atribuído ao imperador romano Júlio César “Veni, Vidi, Vici”⁶ serve para introduzir uma abordagem emotiva muito crítica à equipe brasileira que, segundo Pelé, seria fraca, assim como as primeiras adversárias do grupo, não caracterizando assim como uma seleção representante genuína do futebol brasileiro.

⁶ A tradução do latim é “Vim, Vi, Venci”.

A ironia na referência a uma possível tragédia nacional, caso a equipe não conquistasse a classificação para a segunda fase, e a menção à demanda popular de que a seleção brasileira deve sempre disputar o título, ensejam uma expectativa frustrada em torno do desempenho do time dirigido por Coutinho que deixava então de ser um dos principais favoritos segundo o ex-jogador.

O seu comentário sobre a péssima experiência de ter de apenas assistir aos jogos trabalhando como comentarista, ao invés de participar das partidas “ajudando” a seleção brasileira, reforça a idolatria em torno dele mesmo, e pode fazer parte da própria estratégia de mitificação do futebol brasileiro, simbolizada na figura do maior atleta de todos os tempos.

De qualquer forma, é inegável que as expectativas em torno do mitológico estilo de jogo brasileiro eram grandes. Segundo reportagem do *Jornal do Brasil*, o futebol do país tinha virado motivo de piada na Argentina:

A fraca atuação contra a Espanha abalou ainda mais o prestígio do futebol brasileiro na Argentina e os jornalistas que viram o jogo pela televisão no Centro de Imprensa não pouparam críticas à Coutinho e consideraram a substituição de Nelinho o maior erro do técnico. Agora o futebol brasileiro é motivo de piada.

Esse Toninho, o legítimo sucessor de Garrincha, Julinho, Jairzinho. Ai que tempo bom para os brasileiros – comentava ironicamente o narrador do cinema Rex em Rosário onde a partida foi transmitida abertamente a cores pelo telão. O público fazia coro as brincadeiras e aplaudiu demoradamente o lance que quase originou o gol da Espanha.

Num programa de televisão em Buenos Aires Helenio Herrera, ex-técnico da seleção espanhola e do Internazionale de Milão classificou o jogo entre espanhóis e brasileiros como o pior da Copa do Mundo.

- Na abertura do Mundial Alemanha e Polônia fizeram uma partida muito fraca, mas a de ontem em Mar del Plata foi muito pior, teve um rendimento baixo demais. Os brasileiros que jogaram mal contra a Suécia foram ainda piores e não justificaram o prestígio que desfrutavam, ou melhor, desfrutavam no mundo inteiro. (JORNAL DO BRASIL, n. 61, 08 jun. 1978, p. 36)

A afirmação de que o prestígio do futebol brasileiro estava abalado é justificada com críticas a Coutinho e a comparação entre: Toninho Guerreiro, lateral-direito voluntarioso, que jogou improvisado taticamente no lado direito do campo com ponteiros clássicos do futebol brasileiro; Jairzinho (conhecido como o “furacão da Copa de setenta”); Julinho Botelho que brilhou na década de cinquenta e foi o grande destaque brasileiro na Copa de

1954; além do mitológico Garrincha, considerado por muitos a verdadeira encarnação do futebol alegre, festivo e dionisíaco que caracterizaria o suposto estilo brasileiro.⁷

Ademais, a referência ao renomado técnico que escrevia no *Clarín*, Helenio Herrera estabelece um discurso de autoridade para classificar a partida, e, conseqüentemente, a atuação da seleção brasileira como muito ruim, abalando assim a mítica aura em torno do país do “jogo bonito”.

Entretanto o mesmo comentarista que havia criticado o futebol brasileiro logo após o empate com a Espanha, com a vitória contra os peruanos na primeira exibição da segunda fase, escreve uma crônica cujo título era “Resuscitó el buen fútbol”:

He visto un Brasil resuscitado. Ninguna comparación con las partidas de la primera vuelta. Jugando en una buena cancha volvemos admirar el gran juego brasileño. Los pases llegaron otra vez a la perfección. Los jugadores “se encontraron de memoria”. Y, finalmente reaparecieron los aparos, sobretudo los realizados por los centrocampistas. Brasil alejado del frío y del terreno de Mar del Plata que le impidió de un juego refinado con el toque de primera y la pelota al ras del suelo está viendo elevar sus acciones. (CLARÍN, SUPLEMENTO MUNDIAL, n.11.598, 15jun. 1978, p. 23).

Uma boa atuação da seleção brasileira automaticamente evocava a representação do “grande jogo” associado à técnica dos passes corretos, das matadas elegantes, do estilo refinado e do toque de primeira ressuscitados “longe do frio”.

Um outro articulista do periódico, Alberto Fernández, afirma que o Brasil melhorou seu rendimento, mas destaca que a tradição do futebol brasileiro teria influenciado nas circunstâncias da partida e pressionado a seleção peruana; esta, teria respeitado demais a equipe brasileira conforme a crônica intitulada “El peso de un nombre histórico”:

El resultado da la sensación de contundência. Tres a cero. Ahi esta la chapa con una sentença inapelable en la fría explicación de los números. És una razón mas que suficiente para que la victoria de Brasil se haga inobjetable y justa. Hasta aqui vamos bien. Pero no se puede decir lo mismo sobre los argumentos futbolísticos que expuso para conseguirla, porque en todo o caso, a la hora de inclinar la balanza tuvieron peso decisivo los errores que cometió Perú y los méritos exhibidos por Brasil. Hubo un outro fator que fué importante y jugó a favor de Brasil. Y el que está encerrado en una cuestión psicológica que normalmente aparece en el fútbol cuando los equipos tienen que afrontar instancias supremas. Cuando el objetivo és más grande, Brasil asumío el compromiso con las ambiciones que impone su tradición y que le obligan a salir pensando en el triunfo. Perú, en cambio se vío desbordado por la responsabilidad y entonces perdió aplomo, seguridad y no tuvo convicción para jugar como

⁷ Para maiores informações sobre Garrincha ver a biografia *Estrela Solitária*, de Castro (1995) e a obra de Mostaro (2012), *Garrincha x Pelé. A influência da mídia na carreira e um jogador*.

sabe y puede. Respectó mas el nombre que la actualidad de su rival. (CLARÍN, SUPLEMENTO MUNDIAL, n.11.598, 15 jun. 1978, p. 21).

É possível observar que o cronista mesmo reconhecendo a vitória como inquestionável, ressalta mais o fato de o Brasil ser uma tradicional potência futebolística que uma possível evolução ou redenção do imaginário estilo de jogo artístico brasileiro.

A seleção peruana teria cometido diversos erros e estaria psicologicamente abalada com a necessidade de buscar o triunfo em um momento delicado da competição. O fato de o Peru não ser uma seleção historicamente campeã e de ter respeitado excessivamente o tradicional futebol brasileiro teriam sido fatores fundamentais para o revés segundo o cronista.

A única partida em que efetivamente as fontes estudadas estabelecem uma distante aproximação do futebol praticado pela seleção de Coutinho com a idealização do mítico estilo de jogo brasileiro é na vitória sobre a Itália, que viabiliza a conquista do terceiro lugar. A revista *Placar*, por exemplo, publica reportagem intitulada “Jogando a brasileira, a seleção chegou a vitória”:

A entrada de Reinaldo é verdade, já tinha contribuído para animar e melhorar um pouco as coisas. O baixinho corria por todos os cantos do ataque desarrumando a defesa italiana, perturbando a vida de Cabrini e de quem mais saía para ajuda-lo, mais ainda não era o suficiente. Era preciso alguém do seu “talento brasileiro” como ele para ajuda-lo. Foi aí, então que entrou Rivelino. Gordo, apertado num calção que revelava seus excessos, com pinta de quem não ia querer nada, aceitando substituir Cerezo apenas para cumprir as ordens do técnico, mas tudo também a brasileira, não passava de falsa observação.

Não que tenha se tornado com excesso de graxas e com os tornozelos ainda enfaixados, o cérebro do seu time. O jogador que desejava ser neste último mundial. Comandando o time, provando merecer as observações de que realmente se trata do único craque que ainda corre pelo Brasil, remanescente daquele grupo que só jogava à brasileira. Não chegou a ser nada daquilo, o jogador que finalmente se destacaria nessa Copa de nível tão achatado, mas foi - lá isso foi - o arruaceiro, o moleque de rua que o time precisava, que Reinaldo esperava para ajudá-lo e que o próprio jogo necessitava. (PLACAR, n.427, 30 jun. 1978, p.4).

A partir do trecho selecionado pode-se perceber que a matéria destaca a presença de Rivelino, mesmo sem condições físicas ideais e tendo jogado apenas 26 minutos, como o ícone do futebol “moleque”, “arruaceiro”, dionisíaco. Seria a encarnação do suposto “talento brasileiro” que teria faltado ao longo da competição.

Junto com o “remanescente daquele grupo que só jogava à brasileira”, representação que novamente remete à seleção de setenta, o habilidoso e teoricamente rebelde

centroavante Reinaldo teria sido o importante interlocutor da caricatura do que seria o verdadeiro “jogo bonito”.

Na matéria que descreve a decisão do terceiro lugar na revista *El Gráfico*, o destaque no trecho introdutório foi na atuação de Dirceu e novamente na remissão nostálgica da distância entre a equipe comandada por Coutinho e outras seleções campeãs do mundo:

Es inevitable que al hablar del Brasil de hoy nos asalte las nostalgias del Brasil de ayer. Eso nos viene sucedendo desde el mundial de Alemania, donde el scratch alcanzó a mezclarse entre los cuatro finalistas y terminó cuarto. Y nos vuelve a suceder hoy, después e haber superado aquella actuación de hace cuatro años al conseguir el tercer puesto del mundial argentino. Entre este Brasil y el que conocimos y admiramos em México o em Chile hay tanta diferencia que este tercer puesto és casi una hazaña. Porque en este equipo de CBD ya no se quedan genios. Vímos si un proyecto de gran jugador em José Dirceu Guimarães, conocido como Dirceu.

Todavía quédan resabios del antiguo esplendor en dos detalles del funcionamiento brasileño. 1) La forma en que le entran a la pelota y la ganas com que le pegan desde afuera del área. 2) La fe que se tienem, aun los que no saben nada como si en su alma vibrara el gênio de los Pelé, los Gerson , los Tostão o los Didi.

Con esos dos argumentos Brasil trabajó todos los partidos de este campeonato, le complico la clasificación para la final a nuestro equipo y terminó ganandole a Itália la terceira colocación, aparte de darse el lujo de irse de Argentina como único invicto (EL GRÁFICO, n. 3064, 27 jun. 1978, p.101).

No discurso da revista argentina é possível identificar novamente por meio da comparação com outras seleções brasileiras e craques do passado, uma idealização de um futebol brasileiro exuberante, repleto de gênios que não corresponderia com aquele praticado pela equipe que teria chegado em terceiro lugar.

O destaque em duas características supostamente atribuídas como resquícios da “esplendorosa” escola brasileira reforçam a representação essencialista do futebol no país. A primeira que está no plano tático/técnico e diz respeito ao espírito combativo e a precisão dos chutes de fora da área, com especialistas como Dirceu e Nelinho.

A segunda estaria no âmbito psicológico, pois, segundo a reportagem, a fé ou quiçá autoestima elevada dos jogadores brasileiros, teriam, independentemente de não serem craques como Pelé, Tostão ou Didi, ajudado a seleção a conquistar o terceiro lugar e permanecer invicta na competição.

Na parte final da reportagem novamente é feita referência à história e a tradição da seleção brasileira, com destaque também para a entrada de Rivelino e novamente os chutes de fora da área:

Ese endiablado taponazo y espectacular empate coincidió con el ingreso de Rivelino por Toninho Cerezo. Y aunque Rivelino se dedicó mas a pegar y buscar camorra que a su viejo hábito e jugar fútbol, su presencia enfervorizó más todavía a los brasileños, en la misma proporción que achicaba a los italianos.

Así, a fuerza de corazón, llegó el nuevo taponazo homicida, esta vez de Dirceu, para sellar la victoria de un Brasil que há olvidado muchas de su virtudes pero que no olvidó su historia. Estos brasileños de hoy, incluyendo este fantasma de Rivelino que entró en los últimos 26 minutos, sienten que son los herederos y los custódios del legado de Pelé. Y lo que é más importante, han logrado transmitir esta sensación a sus adversários, generando en ellos un respeto que esos mismos jugadores, con otra camiseta no podrían reclamar nunca. (EL GRÁFICO, n. 3064, 27 jun. 1978, p.106).

A alusão à presença de Rivelino ainda que comparado a um espectro fantasmagórico da sua genialidade nas copas anteriores, além do destaque na descrição dos dois gols brasileiros resultados de arremates de fora da área, reforçam a ideia de que, apesar de não corresponder à expectativa generalizada, a equipe brasileira tinha elementos do hipotético espetacular futebol brasileiro.

Sob o estigma de inferiores tecnicamente, comparados aos atletas de outras gerações, os jogadores brasileiros se comportavam moralmente como representantes do genuíno futebol-arte ou “jogo bonito”. Na Argentina, tal interpretação se materializa em uma espécie de legado mítico que, segundo a reportagem, teria influenciado um exagerado respeito por parte dos adversários que, muitas vezes chegavam a temer a histórica camisa “canarinho”.

No jornal *Clarín* as reportagens e crônicas sobre a partida não foram muito positivas com relação ao Brasil e a própria qualidade técnica do jogo. A principal matéria tinha como manchete “Se durmió Itália y Brasil fué terceiro”.⁸

Di Stéfano em sua crônica afirma “La final sera mejor”, mas apesar de se referir a decisão que seria disputada naquele dia entre Argentina e Holanda, acaba estabelecendo diretamente uma comparação da disputa do terceiro posto com a final do México em setenta:

Porque Brasil que toca bien en el medio, se vio sacudido por el gol de Causio y con el buen manejo de Dirceu, la movilidad de Mendonça y despues con el ingreso de Rivelino y Reinaldo tuvo más salida para su fútbol. Pasó a dominar y sacó a relucir la história pero no fue como en 1970, cuando ambos equipos eran mucho más. No; y sin embargo ganó bien porque se animó por quiso ganar y porque Itália le regaló el medio

⁸ *Clarín*, Suplemento mundial, n. 11.608, 25 jun.1978, p. 14-15.

campo, que es la zona que hoy precisamente hay que quitarle a Brasil. (CLARÍN, SUPLEMENTO MUNDIAL, N.11.608, 25 jun. 1978, p. 13).

Independentemente dos comentários técnicos e táticos que corroboram com a importância da entrada de Reinaldo e Rivelino, é possível observar mais uma vez a referência ao mundial de setenta e, nessa situação específica, à própria partida disputada entre brasileiros e italianos pela posse da taça Jules Rimet. Segundo o ex-craque argentino afirma com nostalgia, tanto o Brasil quanto a Itália eram muito melhores oito anos antes.

Outra reportagem de caráter saudosista é dedicada à Rivelino, intitulada “La despedida de un grande”, assinada por Jorge Ruprecht:

Entró cuando faltaban 26 minutos y participó de las jugadas de mayor calidad y también de los mayores descalabros. Pegó, se enojó, discutió, quiso resolver demasiadas cosas a empujones. Era su desesperación para recuperár en un partido, un torneo perdido...

Parecia desesperado con su própria despedida. Pero igual mostro su clase. Hasta equivocandose, porque se equivocó varias veces, pareció un hombre importante. Un jugador distinto, un jugador trarascendente, un jugador de estilo (CLARÍN, SUPLEMENTO MUNDIAL, n.11.608, 25 jun. 1978, p. 17).

A midiáticação em torno de Rivelino é compreensível pelo fato de ele ter sido um dos maiores jogadores da década de setenta, campeão mundial com o Brasil no México e principal jogador da campanha do mundial em 1974, além de ídolo de duas tradicionais equipes nacionais; o Corinthians e o Fluminense e, o mais significativo, estar se despedindo da seleção.

É possível identificar uma espécie de metáfora recorrente do envelhecido craque com o próprio futebol-arte brasileiro. A breve passagem de 26 minutos após ter disputado apenas a partida de estreia é superdimensionada em função da representação simbólica que o jogador tinha e por ter sido um dos craques tricampeões do mundo.

O próprio João Saldanha também reforça a importância de Rivelino junto com Reinaldo nesta partida na crônica “Futebol brasileiro é assim”:

É o diabo. Passamos a Copa inteira fazendo “jogo europeu” ou tentando fazer. Só falta aparecer agora quem diga que ganhamos com dois reservas – Rivelino e Reinaldo. Sim estes dois estavam sempre no banco. Mas quando entraram no segundo tempo da partida pelo terceiro lugar, mudou um jogo que não estava nada bom passou a ser uma partida fácil.

Nossos jogadores, hábeis dribladores, começaram a dar dribles. Coisa que não se via há muito tempo. Reinaldo com sua grande capacidade de deslocamento supriu a incrível falta de ponteiros que sempre tivemos nessa Copa do Mundo. Assim ficou melhor. (JORNAL DO BRASIL, n.78, 25 jun. 1978, p.30).

A exaltação aos dribles, a comparação com o hipotético “jogo europeu” e o reconhecimento de um futebol artístico em dois jogadores técnicos como o veterano Rivelino e o jovem Reinaldo representam a idealização do estilo de jogo intrínseco a todos os brasileiros.

Considerações finais

Para os “senhores da memória” nos veículos analisadas, a seleção de 1978, tanto no Brasil quanto na Argentina, não era genuinamente nacional, posto que não era uma representante da mítica tradição de alegria, ofensividade e genialidade, atribuídas de forma generalizada e estereotipada à maneira do “brasileiro” jogar futebol. Seria um esboço impuro do sopro dionisíaco, então disciplinado pela apolínea militarização da ditadura brasileira.

Neste sentido a invicta campanha do questionável “campeão moral”, segundo infeliz expressão cunhada pelo técnico Cláudio Coutinho é minimizada e veementemente criticada pelos veículos internos e ironizada com requintes de deboche e nostalgia nas fontes argentinas.

O espectral “futebol mulato/artístico” assombra a científica equipe de 1978, que acaba representando simbolicamente o autoritarismo, a força e a negação do suposto estilo mítico da seleção brasileira jogar.

Nem mesmo a terceira colocação, melhor resultado brasileiro entre os anos de 1970 e 1994 ou as controvérsias em torno da goleada de 6x0 da Argentina sobre o Peru que impossibilitou que o Brasil chegasse a final foram capazes de atenuar no processo de enquadramento de memória deste torneio a imagem de uma equipe fraca, robotizada e que não teria jogado “a brasileira”.

Referências bibliográficas.

ALABARCES, Pablo. **Fútbol y patria**: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2008.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e difusão dos nacionalismos. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: MAUAD, 2007.

CASTRO, Ruy. **Estrela Solitária**. Um brasileiro chamado Garrincha. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

COUTO, Euclides de Freitas. **Da ditadura à ditadura**: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978). Niterói: EdUFF, 2014.

- FICO, Carlos. *Reinventando o otimismo: Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 1997.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- HELAL, Ronaldo; CABO, Alvaro (orgs). **Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2014.
- HELAL, Ronaldo. “Jogo Bonito” y Fútbol Criollo: La relación futbolística Brasil-Argentina en los medios de comunicación. In: GRIMNSON, Alejandro (Org.). **Pasiones Nacionales: política y cultura en Brasil y Argentina**. Buenos Aires: Edhasa, 2007.
- HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- HOLLANDA, Bernardo Buarque de. **O descobrimento do futebol: modernismo: regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego**. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2004.
- HOLLANDA, Bernardo Buarque de; BURLAMAQUI, Luiz Guilherme (orgs). **Desvendando o jogo: nova luz sobre o futebol**. Niterói: EdUFF, 2014.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: **Enciclopédia Einaledi: Memória – História**, vol. 1. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.
- MAGALHÃES, Lúvia Goçalves. **Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e Argentina**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- MELO, Victor Andrade de. **O esporte no cenário Ibero-americano**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2015.
- MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. **Garrincha x Pelé: a influência da mídia na carreira de um jogador**. Juiz de Fora: Ed. Juizforana, 2012.
- POLLACK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. In: **Estudos Históricos**, v.2, n.3. Rio de Janeiro: FGV, 1989.
- SANTORO, Marco; SOARES Antônio Jorge. **Memória da Copa de 70: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional**. Campinas: Autores Associados, 2009.
- SANTOS, Newton César de. **Brasil x Argentina: história do maior clássico do futebol mundial (1998-2008)**. São Paulo: Scortecci, 2009.
- SARMENTO, Carlos Eduardo Barbosa. **A construção da nação canarinho: uma história institucional da seleção brasileira de futebol, 1914-1970**. Rio de Janeiro: FGV, 2013.
- SOUZA, Denaldo Alchorne. **O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)**. São Paulo: Anablume, 2008.
- URLANOVSKY, Carlos. **Parent las rotativas (1970-2000): História de los medios de comunicación en Argentina**. Buenos Aires: 2005.

Fontes primárias

Jornal *Clarín*: 20 maio a 30 jun. 1978, n. 11.574 a n. 11.613.

Jornal do Brasil: 1º maio a 30 jun. 1978.

Revista *El Gráfico*: 16 maio a 11 jul. 1978, n. 3058 a n. 3066, além de três edições extras sobre as vitórias argentinas durante a Copa do Mundo.

Revista *Placar*: 7 abr. a 7 jul. 1978, n. 415 a n. 428.

